

# Uma Revolução que não se sabe defender morre de hemorragia

— Presidente Samora Machel, no discurso que proferiu por ocasião do encerramento da Semana da Juventude

O Presidente Samora Machel proferiu o seguinte discurso no último sábado, durante o festival de música ao ar livre, na Praça da Independência, em Maputo, por ocasião do encerramento da Semana da Juventude, no quadro do 10.º aniversário da proclamação da Independência Nacional:

Camaradas Membros do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo,

Camaradas Membros do Comité Central,

Senhores Membros do Conselho de Ministros,

Jovens moçambicanos,

Estamos aqui, na Praça da Independência, para participarmos nesta festa do encerramento da Semana da Juventude.

Esta Semana da Juventude faz parte das celebrações do 10.º aniversário da nossa Independência Nacional.

Porquê uma Semana da Juventude?

A direcção do Partido Frelimo decidiu fazer esta Semana, em primeiro lugar para saudar o papel fundamental que a Juventude moçambicana desempenhou e continua a desempenhar na luta do povo moçambicano. Saudamos a Juventude porque, quando nos organizámos para lutar contra o colonialismo, foram os jovens que desempenharam o papel decisivo.

Foi determinante a sua acção na criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Os jovens foram capazes de romper com o tribalismo e regionalismo e racismo.

Os jovens souberam defender os interesses, as aspirações do povo moçambicano, sem quaisquer ambições pessoais.

Eles foram os primeiros a assumir a grandeza da nossa Pátria a libertar, o valor da unidade nacional.

Quando o Comité Central da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) tomou a decisão de desencadear a luta armada, como forma principal de luta, os jovens foram os primeiros voluntários para receber treino político-militar.

Foram jovens os que criaram as Forças Populares de Libertação de Moçambique, primeiro exército africano a derrotar um exército colonial europeu na África Austral.

Milhares de jovens, com coragem e espírito patriótico, abandonaram os estudos, empregos, escolas secundárias e universidades, separaram-se dos seus pais, familiares, amigos, para engrossarem as fileiras da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e fazer assumir a justiça da nossa causa.

Fizeram da FRELIMO o instrumento poderoso que derrubou o colonialismo português.

Nas zonas libertadas, os jovens assumiram o trabalho de organização e mobilização das populações.

Apesar de jovens, souberam sempre ser pacientes, ponderados, souberam viver a linha política da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e fazer assumir a justiça da nossa causa.

No 2.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) o triunfo da linha revolucionária foi garantido pelos jovens.

Os jovens combatentes, vindos das diversas frentes de guerra, trouxeram para o Congresso as ideais novas, as ideais revolucionárias, nascidas da prática da luta, e foram capazes de as levar ao triunfo.

Por isso, o Comité Central da FRELIMO eleito pelo 2.º Congresso, foi constituído essencialmente por jovens.

Jovens que hoje são os nossos dirigentes.

Jovens que então tinham vinte e cinco, vinte e seis e vinte e sete anos, e que hoje são ministros, vices-ministros, são generais, brigadeiros e coronéis, são dirigentes do Partido e do Estado da RPM.

Foi com esta juventude combatente, corajosa, determinada que o povo moçambicano conquistou a independência total e completa da RPM.

Esta vitória foi consolidada e aprofundada com a nacionalização:

- \* da saúde,
- \* do ensino,
- \* da Justiça,
- \* da Terra,
- \* da Habitação,

e de outros sectores fundamentais da indústria, finanças e economia.

Colocámos estes sectores, que antes eram fontes de exploração e discriminação, ao serviço do povo. A educação, a saúde, a justiça tornaram-se acessíveis a todos e são praticamente gratuitas no nosso país, neste poder popular.

Alguns pensam que isto é uma concessão lógica da independência. E dizem: Não é. Muitos países tornaram-se independentes mas a educação, a saúde e a justiça continuaram a ser fonte de exploração. Há países independentes onde, por um lado, a maternidade, a mulher tem de pagar trinta ou quarenta contos. Nas nossas maternidades, despagam-se sete meticalis e meio por um parto.

Há países independentes em que só os filhos dos ricos podem entrar nas escolas secundárias e universidades. Há países independentes em que o filho do operário, o filho do camponês só podem aspirar quanto muito, ao ensino primário. Sabem ou não sabem que isso é verdade?

Respondo por vocês: sabem-no e conhecem-no.

Por isso, as nacionalizações não são resultado directo da nossa independência.

As nacionalizações são resultado de grandes lutas revolucionárias do nosso povo, são o resultado da política revolucionária do nosso Partido FRELIMO.

Mas quem garantiu o sucesso destas conquistas, a defesa e a consolidação das nacionalizações, foram os jovens, foram vocês.

É obrigado. Na Educação, foram principalmente os jovens de Tunduru e de Bagamoyo. Jovens dos 15 aos 20 anos, engajaram-se decisivamente na batalha da educação logo nos primeiros momentos da vitória da Pátria.

Os jovens do 8 de Março de 1977, com 16, 17, 18 anos de idade, entregaram-se com dedicação e espírito de sacrifício a esta batalha.

Jovens que travaram a luta entre o velho e o novo e fizeram triunfar as ideais novas.

Jovens que foram capazes de se sacrificar pelo povo.

Jovens do Sul e do Centro que deixaram as famílias e foram trabalhar para o Norte.

Jovens do Norte e do Centro que abandonaram os seus lares e vieram para o Sul.

Jovens do Norte e do Sul que foram para o Centro do País.

Jovens que souberam enfrentar o venenoso e obscuro e, a superstição e o analfabetismo.

Admiramos e respeitamos estes jovens.

Ficarão para sempre na nossa História, — a História do Povo moçambicano.

Hoje, são estes jovens que estão no nosso Exército. São eles que formam a nossa Força Aérea e a nossa Marinha de Guerra. São eles que tripulam os nossos caças-bombardeiros, helicópteros de combate e de transporte. São os jovens que manejam os mísseis e outras armas sofisticadas. São os jovens que constituem o grosso da nossa oficialidade.

São os jovens do 8 de Março que garantem a educação dos nossos estudantes.

Hoje, alguns são licenciados, outros estão a fazer a licenciatura.

Temos orgulho dos jovens de Tunduru, de Bagamoyo, de Ribáuê, do 8 de Março.

Foram os jovens que enfrentaram e derrotaram as tropas invasoras do regime ilegal, rebelde e racista da Rodésia de Smith.

Foram eles que infligiram as mais pesadas derrotas ao exército de Smith.

Recordaremos sempre as nossas vitórias nas batalhas de Mapa, Chi, Cuacualala e Mayonde, onde os jovens destruíram aviões e helicópteros de Smith, destruíram a soldadesca rodésiana nas agressões à nossa Pátria.

Foram jovens os combatentes internacionalistas, que participaram ao lado do povo irmão do Zimbábue na liquidação do regime de Smith.

São jovens a maioria dos nossos médicos, enfermeiros, juristas, técnicos, jornalistas, economistas, engenheiros.

É a nossa Juventude que detém a ciência e a técnica no nosso país.

É jovem o destacamento de vanguarda do nosso povo, a classe operária.

São jovens ainda, na sua maioria, os dirigentes políticos do nosso país, nos vários escalões.

Podemos dizer, com orgulho, que a Juventude está no poder na nossa Pátria. Por isso afirmamos que a nossa Pátria é uma Pátria de jovens.

Hoje, como no passado, é a Juventude que suporta os maiores sacrifícios na defesa da Pátria e da Revolução.

São os jovens que se encontram na frente de batalha nas FPLM, nas Milícias. Eles penetram nas florestas, sobem às montanhas, atravessam rios e lagos, para combater sem tréguas os bandidos armados.

São jovens os que estão nas fileiras das nossas Forças Policiais e do SNAP, garantindo o combate à marginalidade e ao crime, e defendendo a segurança do nosso povo e do Estado.

Destacamentos de jovens voluntários, enquadrados pela OJM, avançam para:

- \* Matama,
- \* Lissiete,
- \* Unango,
- \* Moatize,
- \* Chókwe,
- \* Dondo,
- \* Marromeu,

- \* Maringué,
- \* Morrua, para construir
- \* escolas,
- \* casas,
- \* hospitais e maternidades;

para reabilitarem estradas e caminhos de ferro; para destroncarem a floresta e criar a riqueza; para construir e reconstruir pontes.

Os jovens de hoje são os continuadores das tradições gloriosas da Juventude do 25 de Setembro de 1964.

O Partido e o Estado vivem intensamente os problemas da nossa juventude, porque depositam nela toda a esperança do progresso, da felicidade, do bem-estar da Nação moçambicana. Porque a juventude é o futuro da Nação, é a selva da Nação, é contra ela, sobretudo, que age o imperialismo, e os seus agentes.

A juventude constitui sempre um terreno de disputa entre nós e o imperialismo. O imperialismo aposta na sua acção de corrupção da juventude.



SAMORA MACHEL: A nossa revolução é para que o nosso povo viva na felicidade e na prosperidade, no progresso e no bem-estar

de para bloquear e destruir a Revolução.

Nós sabemos que a Juventude é o futuro da Revolução. Temos que garantir o desenvolvimento do espírito e tradição revolucionárias no seio da juventude.

Os nossos jovens precisam de mais escolas. Queremos construir mais escolas, para educar a nossa juventude, para que não continue a haver jovens que ficam fora das escolas, que não conseguem prosseguir os seus estudos.

Queremos que todos os jovens moçambicanos possam desenvolver a sua inteligência, a ciência e a sua cultura.

Queremos educar a nossa juventude, de para que desenvolva completamente as suas capacidades, a sua criatividade.

Queremos uma juventude que confie em si própria, que acredite na sua capacidade de construir o futuro.

Mas os bandidos armados, instrumentos do imperialismo, não querem isto.

Os bandidos armados destroem as nossas escolas, raptam e violam as nossas alunas, raptam e assassinam os nossos alunos e professores.

Queremos que todos os moçambicanos tenham assistência médica garantida, que tenham os medicamentos que precisam para se tratarem.

Queremos que todas as nossas mulheres sejam assistidas e dêem à luz na maternidade, para que os nossos filhos nasçam e cresçam saudáveis.

Mas os bandidos armados não querem isto. Os bandidos armados atacam os nossos hospitais, queimam os nossos centros de saúde, destroem as nossas maternidades.

Os bandidos armados roubam e destroem os medicamentos destinados a tratar o povo.

Não. Mas sabem porque é que feita comida? Falta comida porque os bandidos armados:

- \* destroem as nossas machambas, impedem que os camponeses produzam,
- \* roubam e matam o nosso gado,
- \* atacam e destroem os camiões e comboios que transportam os produtos,
- \* queimam os nossos celeiros, raptam e assassinam técnicos, agricultores e criadores de gado,
- \* destroem tractores e alfaias agrícolas, sementes, adubos e pesticidas,
- \* sabotam fábricas, pontes e linhas de transporte de energia.

Os bandidos armados tentam desorganizar toda a nossa economia:

- \* para o nosso povo não poder produzir,
- \* para o nosso povo passar fome e viver na miséria,

Por isso, temos que ter mais armas, mais tanques, mais aviões e helicópteros de combate.

Uma revolução que não se sabe defender morre de hemorragia.

A nossa revolução é para que o nosso povo viva na felicidade e na prosperidade, no progresso e no bem-estar.

O imperialismo, os saudosistas do colonialismo, não querem que construamos em paz o nosso progresso. Utilizam os bandidos armados.

São estes bandidos que são a origem dos problemas que todos nós sentimos.

São assassinos, bandidoleiros, ladrões, destruidores. São como uma praga de gafanhotos que na machamba devora o fruto do nosso trabalho.

Quando a nossa machamba é invadida por gafanhotos, temos que os exterminar.

Para eliminar os bandidos armados, totalmente, definitivamente, temos que pegar nas nossas armas para destruir esta praga.

As acções criminosas dos bandidos armados criam um ódio profundo do nosso povo contra esses agentes do agressivo imperialista à nossa Pátria.

Todos aqui já sentiram, já choraram o assassinato de um familiar, de um amigo, de um colega ou de um conhecido, pelos bandidos armados.

Todos aqueles que condenam o nazismo são sensíveis e condenam os crimes praticados pelos bandidos armados. Os assassinos, o terrorismo, condenam os inspiradores, financiadores e promotores do banditismo, os patriotes dos bandidos armados.

Mas, a frente fundamental de luta é a luta interna, é a luta no terreno, pela liquidação total e completa dos bandidos armados.

Vencemos a luta armada de libertação nacional, porque soubemos desenvolver a luta e vencer o inimigo físico no terreno.

Nesta guerra pela liquidação total dos bandidos armados estamos seguros da vitória:

- \* porque o inimigo está claramente definido,
- \* porque a nossa estratégia está correctamente traçada,
- \* e é o povo, a força principal, que, de armas na mão, garante a defesa da Pátria.

O povo quer acabar rapidamente com os bandidos armados. A tarefa prioritária de todos nós é a liquidação dos bandidos armados. Participar nesta guerra é dever patriótico de todos os cidadãos.

A Pátria chama por nós. A Pátria quer libertar-se das sanguessugas e piolhos do banditismo. A Pátria não pode viver, como rotina, como normal, os assassinatos e destruições.

Os camponeses querem trabalhar e fazer machamba. Não querem ver as suas casas e celeiros queimados, pilhados o seu gado e os seus produtos. Querem que a loja os abasteça. Não querem a loja queimada, o camião, que transporta os produtos, destruído.

As pessoas querem apanhar o comboio, o machimbombo da carreira, para visitar os seus familiares, tratar dos seus problemas. Os jovens querem fazer excursões à praia, ao campo. Não querem ser assassinados em machimbombos e comboios, ficar dias à espera de poder circular.

Os operários querem que o algodão e a copra cheguem às fábricas. Querem que os transportes circulem.

Os camionistas, os maquinistas, querem fazer o seu trabalho. Não querem ver o comboio e o camião queimados, destruído o seu ganha-pão.

A sua vida de trabalho duro e arriscado deve ser respeitada. Queremos luz e água nas nossas cidades. Queremos estar limpos. Queremos estudar. Queremos trabalhar. Queremos divertir-nos. Não podemos fazer tudo isto sem electricidade.

Então, temos que lutar. Temos que responder ao apelo da Pátria.

Quando a Pátria está em guerra, temos que dar prioridade à guerra. Se é necessário, para acabar a guerra rapidamente, que se fechem locais de trabalho, que se fechem escolas e universidades, vamos fazê-lo.

Em situação de guerra, não existe Serviço Militar Obrigatório. Existe apenas o chamamento da Pátria.

Assim fez a geração que conquistou a independência da nossa Pátria moçambicana. Abandonou empregos e

estudos, pais e noivas, e entregou-se à Pátria.

Assim o fez a geração que defendeu Moçambique contra as agressões rodésianas.

Através da Juventude da Cidade de Maputo aqui reunida, o Partido Frelimo, em nome da Pátria, apela a toda a Juventude moçambicana a engajarem-se na defesa da Pátria, na conquista da paz.

O Governo da República Popular de Moçambique vai tomar as medidas apropriadas.

É neste momento em que, mais uma vez, o nosso povo está em guerra, que a Juventude moçambicana inicia os preparativos da 2.ª Conferência Nacional da OJM.

Os temas que irão ser debatidos pelos jovens, estão intimamente ligados à situação real que o país atravessa.

O processo de preparação da Conferência deve servir para que a juventude defina com maior rigor as tarefas que deve cumprir nesta fase histórica em que a Pátria se encontra ameaçada.

Hoje, o nosso lema continua a ser «Estudar, Produzir, Combater».

O que queremos dos jovens?

Em várias frentes de combate que se vão forjar os nossos jovens. Destes jovens sairão mais oficiais brilhantes para o nosso Exército, para a nossa Força Aérea, para a nossa Marinha de Guerra, para a nossa Polícia, para a nossa Segurança.

Dos jovens engajados nas várias frentes de combate sairão:

- \* excelentes cientistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, historiadores, médicos, engenheiros, mecânicos, electricistas, enfermeiros, professores, jornalistas, parciais, marinheiros, motoristas, contabilistas, veterinários, serralheiros, agrónomos;
- \* magníficos poetas, escritores, pintores, escultores, músicos, cantores, actores, dançarinos e desportistas.

Dos jovens, hoje engajados nas várias frentes de combate, brotarão os futuros dirigentes do nosso Partido e do Estado.

dirigentes com profundas raízes, mergulhados no povo;

dirigentes sólidos como o imbondeiro que irrompe da terra e que nenhum vento consegue derubar;

dirigentes forjados e temperados no calor da luta, dirigentes produzidos e formados pela própria luta.

É desta nossa juventude que sairão os futuros dirigentes, forjados nas fábricas, nos complexos agro-pecuários, nas minas, nos portos e caminhos de ferro, nas Forças de Defesa e Segurança, na Saúde, na Educação.

Os futuros dirigentes forjar-se-ão nas Células do Partido, lá onde se produz e se combate.

forjar-se-ão nos círculos, nas localidades, nos distritos, lá onde se produz a riqueza, lá onde vive o povo a quem jurámos servir.

Os jovens de hoje são o bastião intransponível para defender:

- \* o Estado,
- \* a Pátria,
- \* a Revolução,
- \* a Independência,
- \* a democracia,
- \* a liberdade,
- \* o socialismo.

Os jovens de hoje são o bastião intransponível que defende a Frelimo. É a Frelimo a quem devemos tudo aquilo que hoje somos.

Os operários querem que o algodão e a copra cheguem às fábricas. Querem que os transportes circulem.

Os camionistas, os maquinistas, querem fazer o seu trabalho. Não querem ver o comboio e o camião queimados, destruído o seu ganha-pão.

estudos, pais e noivas, e entregou-se à Pátria.

Assim o fez a geração que defendeu Moçambique contra as agressões rodésianas.

Através da Juventude da Cidade de Maputo aqui reunida, o Partido Frelimo, em nome da Pátria, apela a toda a Juventude moçambicana a engajarem-se na defesa da Pátria, na conquista da paz.

O Governo da República Popular de Moçambique vai tomar as medidas apropriadas.

É neste momento em que, mais uma vez, o nosso povo está em guerra, que a Juventude moçambicana inicia os preparativos da 2.ª Conferência Nacional da OJM.

Os temas que irão ser debatidos pelos jovens, estão intimamente ligados à situação real que o país atravessa.

O processo de preparação da Conferência deve servir para que a juventude defina com maior rigor as tarefas que deve cumprir nesta fase histórica em que a Pátria se encontra ameaçada.

Hoje, o nosso lema continua a ser «Estudar, Produzir, Combater».

O que queremos dos jovens?

Em várias frentes de combate que se vão forjar os nossos jovens. Destes jovens sairão mais oficiais brilhantes para o nosso Exército, para a nossa Força Aérea, para a nossa Marinha de Guerra, para a nossa Polícia, para a nossa Segurança.

Dos jovens engajados nas várias frentes de combate sairão:

- \* excelentes cientistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, historiadores, médicos, engenheiros, mecânicos, electricistas, enfermeiros, professores, jornalistas, parciais, marinheiros, motoristas, contabilistas, veterinários, serralheiros, agrónomos;
- \* magníficos poetas, escritores, pintores, escultores, músicos, cantores, actores, dançarinos e desportistas.

Dos jovens, hoje engajados nas várias frentes de combate, brotarão os futuros dirigentes do nosso Partido e do Estado.

dirigentes com profundas raízes, mergulhados no povo;

dirigentes sólidos como o imbondeiro que irrompe da terra e que nenhum vento consegue derubar;

dirigentes forjados e temperados no calor da luta, dirigentes produzidos e formados pela própria luta.

É desta nossa juventude que sairão os futuros dirigentes, forjados nas fábricas, nos complexos agro-pecuários, nas minas, nos portos e caminhos de ferro, nas Forças de Defesa e Segurança, na Saúde, na Educação.

Os futuros dirigentes forjar-se-ão nas Células do Partido, lá onde se produz e se combate.

forjar-se-ão nos círculos, nas localidades, nos distritos, lá onde se produz a riqueza, lá onde vive o povo a quem jurámos servir.

Os jovens de hoje são o bastião intransponível que defende a Frelimo. É a Frelimo a quem devemos tudo aquilo que hoje somos.

Os operários querem que o algodão e a copra cheguem às fábricas. Querem que os transportes circulem.

Os camionistas, os maquinistas, querem fazer o seu trabalho. Não querem ver o comboio e o camião queimados, destruído o seu ganha-pão.

A sua vida de trabalho duro e arriscado deve ser respeitada. Queremos luz e água nas nossas cidades. Queremos estar limpos. Queremos estudar. Queremos trabalhar. Queremos divertir-nos. Não podemos fazer tudo isto sem electricidade.

Então, temos que lutar. Temos que responder ao apelo da Pátria.